

**Processo de validação
dos testes de diagnóstico de PLNM –
Relatório final**

Maio 2009

I. Introdução	3
II. Análise dos dados	5
1. Trabalho preparatório	5
2. Teste de Diagnóstico	8
III. Conclusões	15

I. Introdução

Os alunos de Português Língua Não Materna (PLNM), inseridos no nosso sistema de ensino, são provenientes de diversos países e têm diferentes níveis de conhecimento da língua portuguesa. Para estes alunos, a avaliação diagnóstica¹ constitui-se como uma medida fundamental, na medida em que permite conhecer as dificuldades e os “pontos fortes” dos alunos nas competências de compreensão/expressão oral e escrita. Por outro lado, este diagnóstico permitirá a inserção do aluno num nível de proficiência linguística – Iniciação, Intermédio ou Avançado – e, conseqüentemente, o desenvolvimento de actividades adequadas ao seu desenvolvimento linguístico.

Assim, a DGIDC, em colaboração com o Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), elaborou um modelo de testes de diagnóstico de PLNM, que poderá ser adaptado pelas instituições de ensino públicas e privadas, de acordo com as suas necessidades.

Os testes de diagnóstico de PLNM encontram-se estruturados de acordo com as diferentes competências em Língua Portuguesa e organizam-se do seguinte modo: um modelo de teste destinado aos alunos do 1.º e 2.º anos, um modelo de teste para os alunos do 3.º ao 6.º ano e outro para os alunos do 3.º ciclo e ensino secundário. A divulgação da versão de trabalho foi feita através da página da DGIDC, na área da Língua Portuguesa - Português Língua Não Materna. As escolas solicitaram à Equipa de Português o envio do documento de trabalho para aplicação aos seus alunos oriundos de outros sistemas educativos, sob compromisso de procederem ao preenchimento de um inquérito de aplicação que permitisse aferir as fragilidades e as vantagens da proposta inicial.

Os testes de diagnóstico foram solicitados por um total de 163 escolas. O envio ocorreu de forma faseada, à medida que os três modelos de teste foram sendo disponibilizados, tendo decorrido a fase de aplicação entre os meses de Outubro e Novembro de 2008.

O inquérito, preparado pela equipa que elaborou os testes, destinava-se a ser preenchido pelo(s) professor(es) aplicador(es) e tinha como objectivo recolher

¹ Vide Despacho-Normativo nº 7/2006, de 6 de Fevereiro de 2006 (para o ensino básico) e o Despacho-Normativo nº 30/2007, de 10 de Agosto de 2007 (para o ensino secundário).

informações relativas à aplicabilidade dos testes, bem como às fragilidades, lacunas ou dúvidas em pontos específicos.

87 escolas enviaram o retorno da aplicação dos testes (25 inquéritos relativos aos testes para os 1.º e 2.º anos; 47 para o 3.º - 6.º anos; e 68 para o 3.º ciclo e ensino secundário), num total de 140 inquéritos. Esta diferença entre o número de escolas e o total de inquéritos deve-se ao facto de algumas escolas terem procedido ao envio de mais do que um inquérito. De referir que 15 escolas indicaram não ter aplicado os referidos testes, tendo apresentado como principal razão o facto de terem já procedido ao diagnóstico dos alunos, no início do ano lectivo, previamente ao envio dos testes.

O inquérito era composto por cinco partes: Trabalho preparatório, Ficha sociolinguística, Teste diagnóstico, Avaliação e Existência de testes de diagnóstico na escola.

No documento agora apresentado optou-se, por questões organizacionais, por apresentar a análise dos dados recolhidos seguindo a seguinte estrutura:

1. Trabalho preparatório, onde se abordará não só o trabalho prévio à aplicação dos testes (leituras de apoio realizadas e tempo gasto), como a aplicação da ficha sociolinguística (como primeiro passo no diagnóstico dos alunos com português língua não materna);

2. Testes de diagnóstico, parte que se centrará em questões como a metodologia usada, o tempo gasto, as dificuldades sentidas na aplicação das actividades e no preenchimento das grelhas de avaliação. Por fim, pretende-se também conhecer as vantagens/desvantagens do recurso a este modelo em comparação com os já existentes na escola.

Como a estrutura global dos testes é semelhante, sendo distintas as actividades propostas, de acordo com a faixa etária a que se destinam, procedeu-se a uma análise comparativa da informação.

II. Análise dos dados

1. Trabalho preparatório

Quanto ao modo como os professores dos vários ciclos de ensino prepararam a aplicação do teste de diagnóstico, estes apontaram como principal metodologia a leitura individual do documento (vide fig.1). Segue-se a «discussão com os colegas» e a «consulta de outros documentos» como complemento do trabalho preparatório. De destacar que, nos 1.º e 2.º anos, é notória a preponderância da «leitura individual do documento» (58,5%) sobre a opção «consulta de outros documentos» (7,3%). Esta opção teve o maior número de respostas no 3.º ciclo e ensino secundário (18,3%). De referir que, nesta questão, era possível seleccionar várias opções, o que sucedeu com frequência.

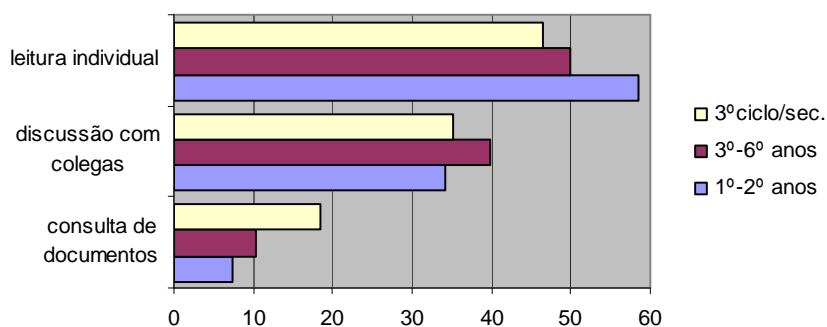


Figura 1: Percentagem de respostas relativas ao modo de preparação da aplicação do teste.

À pergunta “que documentos foram consultados?”, a leitura de legislação foi a resposta mais assinalada, seguida de outra documentação sobre o PLNM e, por fim, o Quadro Europeu Comum de Referência (QEQR). Também aqui houve professores que assinalaram mais do que um item ou que não especificaram os documentos consultados.

Quanto às dúvidas decorrentes da leitura do documento, e tendo em consideração o total de respostas nos três inquéritos, apenas 8% manifestou ter tido algumas dificuldades, estando estas relacionadas com questões práticas da aplicação dos testes.

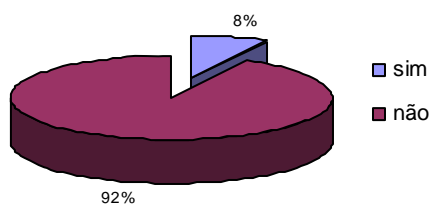


Figura 2: Dúvidas decorrentes da leitura do documento (%)

Relativamente ao tempo² investido no trabalho preparatório, as respostas obtidas foram muito díspares, variando entre menos de uma hora e quinze dias. Não obstante, a opção mais assinalada nos 1.º- 2.º anos (64%) e nos 3.º-6.º anos (31,9%) foi a opção 1-3h. Já no 3.º ciclo e ensino secundário (33,8%) a opção mais seleccionada foi a de 3-6h (vide fig. 3).

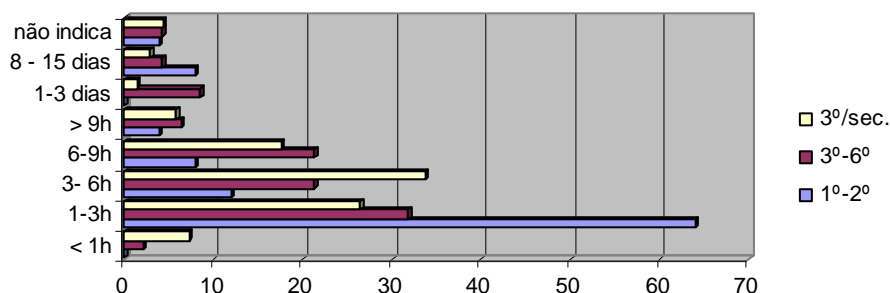


Figura 3: Estimativa do tempo investido no trabalho preparatório (%)

Na opção destinada às observações relativas ao trabalho preparatório, e como esta era opcional, a percentagem de respostas neste item foi muito reduzida (14%). No entanto, os professores que responderam assinalaram essencialmente a complexidade/morosidade do trabalho preparatório.

No que respeita à aplicação da ficha sociolinguística³, esta coube essencialmente ao professor titular de turma, no caso do 1.º ciclo, e ao professor de Português/PLNM nos restantes graus de ensino. Quando questionados sobre a forma como identificaram os alunos de PLNM a quem foi aplicada a ficha sociolinguística, os professores assinalaram:

² As questões relativas ao tempo gasto, como eram de resposta aberta, foram muito díspares, pelo que se considerou necessário criar parâmetros que permitissem o trabalho das mesmas em termos percentuais e a elaboração de conclusões.

³ A ficha sociolinguística visa a recolha de informação sobre os alunos - dados pessoais, país de origem, línguas faladas no contexto familiar e outras informações relativas aos Encarregados de Educação.

processo individual do aluno/matricula	49
nacionalidade (alunos ou alunos e pais)	29
informações dos professores (Conselho de Turma, professor de Língua Portuguesa; Director de Turma, etc.)	20
informações obtidas através do contacto directo com os alunos	16
informações obtidas através de diagnóstico/inquérito	11
informações dos Encarregados de Educação	7

O preenchimento da ficha sociolinguística foi normalmente feito na escola, pelos alunos e sem a presença dos pais. Na verdade, constata-se que à medida que aumenta o nível de escolaridade, diminui a necessidade da presença dos pais na escola para o preenchimento da mesma.

Por fim, no espaço destinado às observações gerais (opcionais) relativas à ficha sociolinguística, mais uma vez se observou um número muito reduzido de comentários (14%). Os professores que deram uma resposta neste item salientaram o facto de não terem utilizado a ficha facultada pela DGIDC dado recorrerem à existente na Escola. Nos comentários à ficha, salienta-se a data de recepção da mesma.

2. Teste de Diagnóstico

A aplicação do teste de diagnóstico, à semelhança do que aconteceu com a ficha sociolinguística, foi da responsabilidade do professor titular, no caso do 1.º ciclo, e do professor de Português/PLNM nos restantes ciclos de ensino.

Relativamente à experiência do professor quer na aplicação dos testes de diagnóstico, quer no ensino do PLNM, como se pode ver através das figuras 4 e 5, 69% dos professores indicou ter experiência na aplicação dos testes de diagnóstico e 60% referiu não ter experiência no ensino do PLNM.

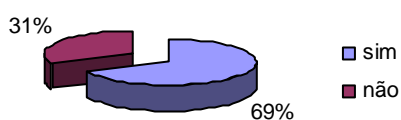


Figura 4: Experiência do professor na aplicação dos testes (%)



Figura 5: Experiência do professor aplicador no ensino do PLNM (%)

No que toca ao público-alvo destes testes, pode constatar-se que o teste foi aplicado a uma percentagem reduzida de alunos dos 1.º e 2.º anos, mas a taxa de alunos dos 3.º-6.º anos e do 3.º ciclo e ensino secundário é muito semelhante (vide fig. 6).

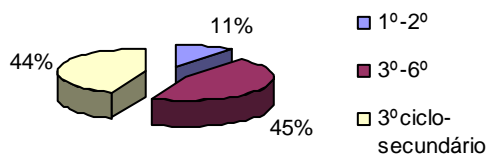


Figura 6: Percentagem de alunos de PLNM, por ano/ciclo de ensino, que realizaram o teste de diagnóstico

Quanto à metodologia usada, é notória a predominância da aplicação do teste individualmente (vide fig.7). No entanto, vários docentes do 3.º ciclo e ensino

secundário referiram que a parte relativa à escrita⁴ foi realizada em grande grupo. As razões apresentadas para esta opção prendem-se com questões directamente relacionadas com o horário dos professores e alunos.

	1.º-2.º anos	3.º-6.º anos	3.º ciclo/secundário
individual	100%	97,9%	74,5%
em grupo		2,1%	25,3%

Figura 7: Metodologia usada na aplicação do teste de diagnóstico (%)

No que diz respeito à duração dos testes de diagnóstico, mais uma vez as respostas foram muito variáveis. De uma maneira geral, a aplicação do teste para os 1.º e 2.º anos demorou menos de 90 minutos (76%), para os 3.º a 6.º anos entre 90 e 120 minutos (24.6%) e para o 3.º ciclo e ensino secundário entre 120 e 180 minutos (41.2%). Portanto, apenas na aplicação do teste destinado aos alunos do 3.º ciclo e ensino secundário se verificou ter sido necessário mais tempo do que o previsto (110 minutos).

Deste modo, enquanto os docentes dos 1.º e 2.º ciclos (1.º- 2.º anos e 3.º -6.º anos) consideram que o teste e as actividades deste estão adequados à sua disponibilidade horária (respectivamente, 64% e 55%), os do 3.º ciclo e ensino secundário têm uma opinião contrária (59%) (vide fig. 8).

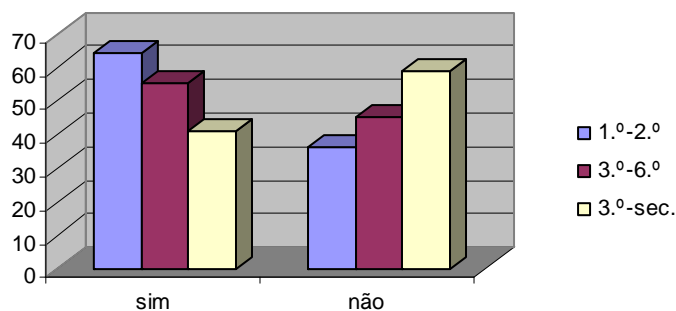


Figura 8: Adequação do teste/actividades à carga horária do professor avaliador (%)

Quando questionados sobre a adequação dos testes à capacidade de concentração dos alunos, a percentagem de «sim», em todos os modelos de teste, foi manifestamente superior ao «não» (vide fig. 9).

⁴ Na Introdução ao Teste de diagnóstico de PLNM – alunos do 3.º ciclo e ensino secundário, refere-se que «a aplicação da segunda parte do teste pode ser feita a vários alunos em simultâneo» (pág.3).

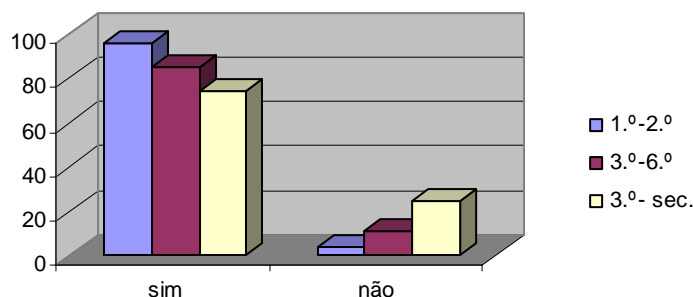


Figura 9: Adequação do teste/actividades à capacidade de concentração dos alunos (%)

Quanto às dificuldades manifestadas pelos professores na aplicação de alguma actividade, a maior percentagem de respostas apontou para o «Não» (vide fig. 10).

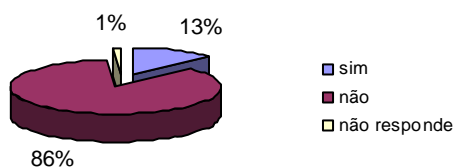


Figura 10: Dificuldades na aplicação de alguma actividade (%)

No que toca às dificuldades apontadas (8%), os professores responsáveis pela aplicação dos testes referiram questões relacionadas com as imagens e as instruções, indicando que estas, por vezes, são pouco claras; a morosidade e a complexidade de algumas tarefas; a extensão do teste; e dificuldades na aplicação de questões relacionadas com a expressão/compreensão oral. Os professores mencionaram ainda aspectos relacionados com a irregularidade na assiduidade destes alunos e a complexidade do trabalho preparatório. À medida que avançamos no ciclo de ensino e as actividades se vão complexificando, aumenta a percentagem de dúvidas.

Relativamente às Observações feitas aos testes de diagnóstico, mais uma vez, e por se tratar de uma resposta facultativa, a percentagem dos professores que deixaram sugestões não foi muito significativa (25%). De uma maneira geral, os professores afirmaram que o teste está bem elaborado, na medida em que contempla todas as competências, incluindo a oralidade, permite um posicionamento rigoroso dos

alunos em níveis de proficiência linguística e o conhecimento da situação linguística (dificuldades e “pontos fortes”) dos discentes, auxiliando na elaboração do plano de apoio individual. Contudo, além dos aspectos já referidos nas dificuldades, salientaram a necessidade de pormenorizar mais os critérios de avaliação.

Observando-se a figura 11, pode constatar-se que a percentagem de professores que indicaram sentir dúvidas no preenchimento das grelhas de avaliação é bastante reduzida, à semelhança do que aconteceu com a aplicação das actividades do teste.

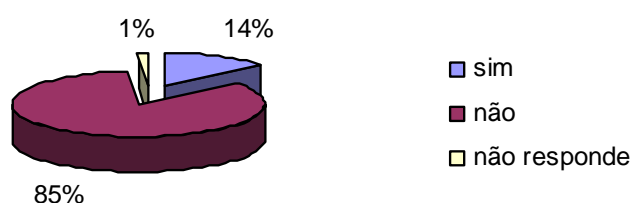


Figura 11: Dificuldades de preenchimento das grelhas de avaliação (%)

As dificuldades assinaladas prendem-se essencialmente com o preenchimento das grelhas durante a realização da actividade, com a compreensão de determinados critérios de avaliação, com a falta de clareza de alguns quadros, com a morosidade e a extensão.

Seguidamente, os professores eram questionados sobre a funcionalidade destes testes no que diz respeito a dois pontos: primeiro, se permitem o posicionamento dos alunos num dos níveis de proficiência linguística (iniciação, intermédio e avançado); segundo, se possibilitam um melhor conhecimento da situação linguística do aluno, podendo servir de base à elaboração do plano de apoio individual. Em ambas as questões, se pedia para justificarem as opções assinaladas.

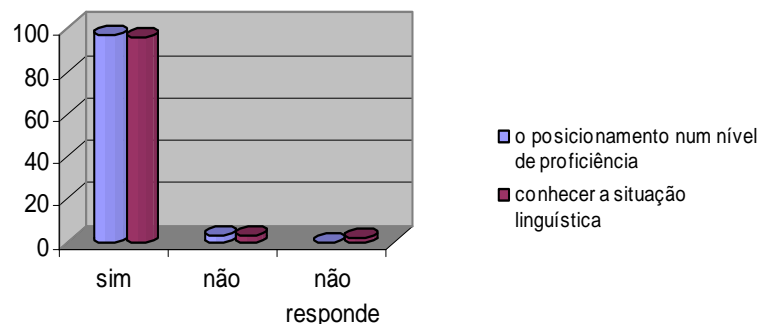


Figura 12: Funcionalidade do teste de diagnóstico para posicionamento em nível de proficiência linguística e para conhecimento da situação linguística do aluno com vista à elaboração do plano de apoio individual (%)

De uma maneira geral, todos consideram que estes testes permitem o posicionamento correcto do aluno num grupo de nível (vide fig.12), dotando o docente de informações sobre as competências linguísticas dos alunos e as suas dificuldades, de forma a adequar/reformular as estratégias de ensino-aprendizagem e (re)elaborar os planos de apoio individual. Mais uma vez, foram destacados os seguintes aspectos positivos: o teste contempla todas as competências, apresenta actividades diversificadas, incluindo a entrevista, e oferece instrumentos de registo completos, o que permite maior rigor e objectividade na avaliação. É ainda referido como positivo o facto de se estabelecerem níveis de desempenho na avaliação.

Como aspectos menos positivos, quer no teste para 3.^o-6.^o anos quer no dos alunos do 3.^o ciclo e secundário, é referida a possibilidade de existência de alguma discrepância entre os resultados obtidos e o conhecimento real dos alunos. Quanto à complexidade do teste, as opiniões, não sendo significativas em número, divergem, distribuindo-se o reduzido número de respostas pelo “demasiado fácil” e pelo “demasiado difícil”.

Comparando as vantagens/desvantagens do modelo disponibilizado com o existente na escola, os professores referiram que o facultado pela DGIDC está mais bem elaborado relativamente a actividades, estímulos visuais e avaliação (vide fig.13). Observando atentamente esta figura, será ainda de destacar que a percentagem de escolas que já dispunha de testes (49,3%) está muito próxima das que afirmam ainda não os ter (48,6%) e que a percentagem de respostas que aponta o modelo agora disponibilizado como mais vantajoso (45,7%) é semelhante à de pessoas que não responderam à questão (47,1%).

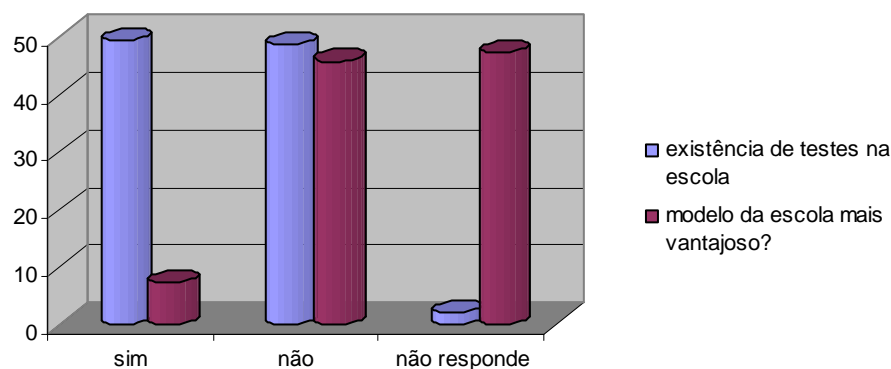


Figura 13: Existência de testes de diagnóstico de PLNM nas escolas e suas vantagens em relação aos disponibilizados pela DGIDC (%)

Relativamente às vantagens do modelo facultado pela DGIDC face ao teste existente na escola, elaborou-se o quadro abaixo, esquematizando algumas das ideias apresentadas pelos professores.

Teste de diagnóstico existente na escola ⁵		Teste de diagnóstico disponibilizado pela DGIDC			
Desvantagens	N.º	Vantagens	N.º	Desvantagens	N.º
Generalista e simples	3	mais adequado e apelativo;	5	longo, exigindo muita preparação	2
desadequação do antigo modelo ao nível de aprendizagem do aluno e à faixa etária	6	científica e pedagogicamente mais completo	2	modelo demasiado burocrático	1
mais incompleto (não englobava todas as competências) e menos estruturado e rigoroso	7	mais bem elaborado e fundamentado	7	imagens	1
não permitia um fácil posicionamento dos alunos em grupos de nível	1	mais estímulos visuais	4		
		mais-valia das grelhas de avaliação	11		
		obedece a critérios de progressão	5		
		transversalidade do modelo apresentado	1		
		permite recolher dados de forma mais abrangente e sistematizada	1		
Total de respostas	17		36		4

⁵ Muitas escolas indicaram que os testes de diagnóstico de que dispunham eram baseados no primeiro modelo fornecido pela DGIDC, ou em modelos fornecidos em acções de formação ou no Teste de Língua Portuguesa para obtenção de nacionalidade.

Por fim, no último ponto do inquérito, pedia-se aos professores que elaborassem algumas observações relativamente à existência de testes de diagnóstico na escola, caso assim o entendessem. Dada a natureza facultativa da pergunta, apenas se obteve 13% de respostas. Estas recuperam algumas das ideias já apresentadas ao longo das várias questões, nomeadamente a fiabilidade deste documento no posicionamento do aluno num grupo de nível, o facto de contemplar todas as competências e a necessidade de as escolas disporem de um modelo de testes para orientar o trabalho dos professores.

III. Conclusões

1. O primeiro ponto do inquérito incidia sobre o trabalho preparatório, nomeadamente a metodologia adoptada, o tempo necessário para aplicação e as dúvidas decorrentes desse exercício. No geral, os professores indicaram ter preparado a aplicação do teste através da leitura individual do documento, seguida da discussão entre colegas, e, por último, da consulta de outros textos como a legislação existente na área. Não tendo suscitado grandes dúvidas, este processo foi, contudo, considerado extenso e complexo, o que provocou, na opinião dos professores, alguma morosidade no trabalho inicial.
2. A ficha sociolinguística, que acompanha a documentação e que tem como objectivo uma primeira caracterização dos alunos, foi normalmente aplicada pelo professor titular ou pelo professor de Língua Portuguesa. A nacionalidade, a língua falada pelo aluno e outras informações pessoais constantes do registo biográfico daquele foram alguns dos critérios usados para sinalizar os alunos de PLNM. A ficha foi aplicada na presença dos Encarregados de Educação, no caso dos alunos dos 1.º e 2.º ciclos, mas os mais velhos, do 3.º ciclo e ensino secundário, procederam ao seu preenchimento na escola.
3. A aplicação do teste de diagnóstico de PLNM coube essencialmente ao professor titular ou de Língua Portuguesa e ocorreu sobretudo entre os meses de Outubro e Novembro, logo após a sua recepção pelas escolas. O teste foi aplicado sobretudo individualmente e a sua duração, bem como a das actividades, foi variável. De um modo geral, as actividades não causaram dúvidas e a maioria dos docentes que preencheu o espaço dedicado às observações considerou o teste bem elaborado, permitindo um posicionamento rigoroso dos alunos num nível de proficiência linguística.
4. No que diz respeito à Avaliação, pode dizer-se que, embora fossem apresentadas algumas dificuldades no uso das grelhas em certas actividades, a grande percentagem de docentes aplicadores respondeu não ter sentido dúvidas na sua utilização. Por outro lado, considerou-se que estes testes não só permitem o posicionamento dos alunos num nível de proficiência como, ao possibilitar a identificação das principais dificuldades destes, facilitam a percepção da sua real situação linguística, podendo servir de base à elaboração de planos de apoio individual.
5. Sobre a existência prévia de testes de diagnóstico na escola, as respostas distribuem-se equilibradamente, na medida em que as percentagens de «sim» e «não» são muito equivalentes. Quanto às vantagens do modelo agora

disponibilizado face ao existente na escola, os docentes que responderam indicaram que este é mais útil, pois cobre todas as competências, incluindo a oralidade, está mais bem estruturado, é mais completo e tem, entre outras mais-valias, as grelhas de avaliação.

Conclusão final:

- Dado conhecimento do retorno da aplicação destes testes à equipa de autores, esta procedeu a alterações e aperfeiçoamentos, nomeadamente para melhorar os aspectos relacionados com as grelhas, com os critérios de avaliação e com as instruções para a realização das actividades, tendo elaborado a versão final dos testes de diagnóstico, que se encontra disponível na página da Internet da DGIDC, na área de Língua Portuguesa, Português Língua Não Materna.
- Os testes de diagnóstico de PLNM, contemplando os diferentes domínios da Língua Portuguesa e apresentando actividades com um nível de dificuldade crescente, bem como critérios de avaliação precisos, permitem um maior rigor no posicionamento dos alunos num determinado nível de proficiência linguística, objectivo primordial deste documento.
- Por fim, convém salientar a importância destes testes enquanto modelo estruturado da prática do diagnóstico, sem que se esgotem no apresentado.